

# CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA EM KARL MARX: DESMISTIFICANDO A MERCADORIA

David Machado de Oliveira<sup>1</sup>  
Rodrigo Chaves de Mello Rodrigues de Carvalho<sup>2</sup>

## resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar as características do ponto de partida elementar da sociedade burguesa: a mercadoria, assim como sua forma de produção no sistema capitalista, com base na obra magna de Karl Marx: *O Capital*. Nesse sentido, utilizaremos o método de Marx, o materialismo histórico-dialético para investigar o duplo caráter da mercadoria, o duplo caráter do trabalho e o caráter fetichista da mercadoria, apontando as peculiaridades do modo de produção na obra marxiana. Com a finalidade de investigar a realidade e ir para o que está para além da aparência das coisas e das atividades humanas dentro do sistema socioeconômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capital; Mercadoria; Trabalho.

---

1 Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestrando em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: [david.machado199@gmail.com](mailto:david.machado199@gmail.com)

2 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: [rodrigo\\_chaves@uvanet.br](mailto:rodrigo_chaves@uvanet.br)

## abstract

This article aims to present the characteristics of the elementary starting point of bourgeois society: a commodity, as well as its form of production in the capitalist system, based on the masterpiece of Karl Marx: *Capital*. In this sense, we will use Marx's method, the dialectical-historical materialism to investigate the dual character of the commodity, the dual character of labor and the fetishistic character of the characteristic, allocated as peculiarities of the mode of production in the Marxian work. With an investigation from reality to reality and going to what is beyond the appearance of things and human activities within the socioeconomic system.

**KEYWORDS:** Capital; Commodity; Labour.

---

### 1. introdução

Para entendermos as contradições e os antagonismos de classe do *capitalismo* tardio hoje, a relação dos indivíduos para com eles mesmos e para com seus trabalhos é necessária uma profunda investigação sobre o que é mais comum a todos em nossa sociedade, a mercadoria. Karl Marx publicou em 1867 sua obra magna *O Capital*, onde no primeiro capítulo de seu livro, realiza o desvelamento de características suprassensíveis que estão dentro da mercadoria.

Mesmo no século XIX, as contribuições filosóficas de Marx são pontuais para nos ajudar a entender o poder alheio da mercadoria na sociedade de mercado e de consumo. As considerações de Marx não só nos fazem entender como funciona o modo de produção *capitalista* como também a verdadeira história desse sistema socioeconômico. É com essas premissas que descobriremos as peculiaridades não visíveis da mercadoria, do trabalho, e das relações sociais por trás desses elementos.

No primeiro capítulo, irei mostrar a dupla característica dialética da mercadoria e a dupla característica dialética do trabalho, a relação mútua e determinante das duas categorias e seus valores. No segundo capítulo, será abordado com mais detalhes o valor de troca das mercadorias, sua história e a origem da forma-dinheiro. No terceiro e último capítulo o estudo e o desvelar do segredo oculto da mercadoria, assim como também a refutação de que as coisas criadas pelos seres humanos, os atos históricos, não possuem vida própria.

Ao fazer a análise da mercadoria, utilizando *O Capital* (1867) de Marx, iremos conhecer a peça chave para entender o sistema capitalista e o elemento para a sua supressão: o reconhecimento da humanidade com a sua essência.

## 2. os dois valores da mercadoria

O estudo do *capital*, começa com a própria mercadoria, o ponto primário que aparece [erscheint]<sup>3</sup> na observação da sociedade burguesa. A mercadoria que tem como propriedade satisfazer as necessidades humanas seja ela quais foram e de qualquer caráter, tais como exemplo a necessidade da fome, do prazer, da imaginação, resolução de problemas, serviços prestados e etc. Toda as mercadorias possuem duas características essenciais e dialéticas, o da qualidade (valor de uso) e o da quantidade (valor de troca).

Cada mercadoria possui um conjunto de propriedades que se mostram na aparência ou que podem estar ocultos na sua essência, ou o conjunto de relações que podem estar por trás de uma simples folha de papel. Para Marx descobrir essas características significa um ato histórico e é essencial que consigamos esse feito para usufruir das investigações e do reconhecimento de nossa sociedade.

O valor de uso das mercadorias não está fora do aspecto físico das mercadorias, como se flutuar-se no ar. O material da mercadoria também pode-se definir como valor de uso, como por exemplo o ferro, a água, a carne, o trigo etc. O valor de troca da mercadoria será definido pela quantidade de trabalho socialmente necessário para fazê-la. O valor de uso não irá determinar o valor de troca das mercadorias, até porque o ser humano pode utilizá-la da maneira que achar melhor o que é efetivado através de seu consumo.

Para utilizar a quantidade do valor de troca, será necessário envolver a troca de duas mercadorias. Nessa troca de mercadorias:

Têm de ser valores de troca permutáveis entre si ou valores de troca vigentes da mesma mercadoria expressam algo igual. Em segundo lugar, porém, que o valor de troca não pode ser mais do que o modo de expressão, a "forma de manifestação" [*Erscheinungsform*] de um conteúdo que dele pode ser distinguido (MARX, 2017, p.115).

Para a produção das mercadorias é necessário trabalho humano. O trabalho é incorporado na mercadoria durante a sua produção e, como vimos anteriormente, é a quantidade de trabalho socialmente necessário que irá determinar a sua substância. O valor de troca corresponde ao trabalho humano abstrato incorporado na mercadoria, essa quantidade de trabalho não é mensurada e, portanto, não sabemos disso ao comprar as mercadorias, pois, elas estão presentes, como nas palavras de Marx, como uma objetividade fantasmagórica.

Assim como a mercadoria tem dupla característica dialética intrínseca a ela, o trabalho também possui. O trabalho abstrato e o trabalho concreto são a dupla característica geral do trabalho,

---

3 A palavra "aparece" surge frequentemente n'O *Capital*, note-se ela é utilizada em vez da palavra "é" geralmente utilizada por definição, fazendo isso Marx quer dizer que todas as propriedades da mercadoria e do modo de produção *capitalista* não aparecem de imediato.

não como duas coisas que estão separadas, mas que fazem parte da categoria trabalho. O trabalho concreto, ou trabalho útil, irá resultar no valor de uso de uma mercadoria, a finalidade do trabalho, tal como fazer um livro ou uma casa. O trabalho abstrato é o uso da energia humana para trabalhar, a utilização da força de trabalho. O trabalho é, portanto, uma condição de existência do ser humano, que independe de todas as formas de organização social e é uma necessidade natural que viabiliza a vida do indivíduo na sua relação com a natureza.

Não é possível realizar uma troca de mercadorias com os mesmos valores de uso. Uma caneta tem um valor de uso específico e que para produzi-la é necessário um tipo de trabalho útil elaborado para a sua construção. Não é interessante para ambos os trocadores, realizar uma troca que envolva duas canetas com as mesmas qualidades, por exemplo.

A divisão social do trabalho surge quando “no conjunto dos diferentes valores de uso ou corpos-mercadorias aparece um conjunto igualmente diversificado, dividido segundo o gênero, a espécie, a família e a subespécie, de diferentes trabalhos úteis – uma divisão social do trabalho” (MARX, 2017, p.119-20). Essa divisão irá condicionar no sistema capitalista, o seu próprio elemento, a produção das mercadorias, no entanto, a produção das mercadorias não irá condicionar a existência da divisão social do trabalho, como afirma Marx:

Na antiga comunidade indiana, o trabalho é socialmente dividido sem que os produtos se tornem mercadorias. Ou, para citar um exemplo mais próximo, em cada fábrica o trabalho é sistematicamente dividido, mas essa divisão não implica que os trabalhadores troquem entre si seus produtos individuais. Apenas produtos de trabalhos privados, separados e mutuamente independentes uns dos outros confrontam-se como mercadorias (MARX, 2017, p.120).

Quando os produtos do trabalho se apropriam no geral a forma mercadoria, como no caso do sistema capitalista, há uma diferença qualitativa no trabalho útil, eles são realizados de forma separada uns dos outros, ocasionando em um sistema complexo e diversificando as profissões nessa sociedade. Marx exemplifica essa questão da seguinte maneira:

Para o casaco, é indiferente se ele é usado pelo alfaiate ou pelo freguês do alfaiate, uma vez que, em ambos os casos, ele funciona como valor de uso. Tampouco a relação entre o casaco e o trabalho que o produziu é alterada pelo fato de a alfaiataria se tornar uma profissão específica, um elo independente no interior da divisão social do trabalho. Onde a necessidade de vestir-se o obrigou, o homem costurou por milênios, e desde muito antes que houvesse qualquer alfaiate (MARX, 2017, p.120).

Os seres humanos sempre foram criadores de valores de uso ao longo de sua história. Através das categorias de trabalho útil e trabalho abstrato os indivíduos sempre tiveram a necessidade de mediar a relação metabólica entre os mesmos e a natureza, a fim de assegurar a existência da espécie.

Dessa forma, Marx pondera que dentro da sociedade capitalista, o processo de produção das

mercadorias, no que se refere ao trabalho humano:

Os aspectos abstrato (homogêneo) e concreto (heterogêneo) do trabalho são unificados no ato laboral unitário. Não é como se o trabalho abstrato ocorresse em uma parte da fábrica e o trabalho concreto em outra. A dualidade reside no interior de um processo singular de trabalho, por exemplo na fabricação de uma camisa, que incorpora o valor. Isso significa que não só camisas, como também não podemos saber o que é valor a não ser que as camisas sejam trocadas por sapatos, maçãs, laranjas e assim por diante. Há, portanto, uma relação entre trabalho concreto e abstrato. É através da multiplicidade de trabalhos concretos que surge o padrão de medida do trabalho abstrato (HARVEY, 2013, p.38).

Diante disso, ao longo dos primeiros dois itens do primeiro capítulo d'*O Capital*, Marx argumenta que a mercadoria possui elementos internos que se expressam como valores de uso, valores de troca e valores. O trabalho contém as categorias de trabalho concreto ou útil e trabalho abstrato (força de trabalho, tempo de trabalho socialmente necessário) que irão produzir a mercadoria. No item três do primeiro capítulo, Marx irá explicar a origem da mercadoria sob forma-dinheiro.

### **3. sobre o valor de troca**

Como vimos anteriormente, as mercadorias aparecem no mundo na forma de valores de uso, ou como corpo de mercadoria, como por exemplo: linho, ferro, trigo, algodão etc. No entanto, Marx afirma que as mercadorias só são mercadorias porque possuem uma dupla característica, a da utilidade e como estrutura de valor. Como sabemos, podemos utilizar o valor de uso de uma mercadoria conforme as qualidades dessa mercadoria são, utilizo um casaco para me aquecer, ou me alimento do feijão. Mas como identificar e medir o valor dessas mercadorias?

Ao analisar de forma sensível o corpo de uma mercadoria não podemos identificar o seu valor substancial, pode-se pegar um microscópio e analisar cada detalhe empírico que não iremos identificar um átomo sequer de valor. No entanto, as mercadorias possuem valor na medida em que sua objetividade é puramente social e, portanto, só é possível analisar a medida de valor, se analisarmos as relações sociais por trás das mercadorias.

Todos nós sabemos o que todas as mercadorias tem em comum, que é a forma-dinheiro. Diante dessas considerações, Marx irá fazer algo que jamais foi feito na história da economia burguesa: "provar a gênese dessa forma-dinheiro, portanto, seguir de perto o desenvolvimento da expressão do valor contida na relação de valor das mercadorias, desde sua forma mais simples e opaca até a ofuscante forma-dinheiro" (MARX, 2017, p. 125).

Para investigar o enigma do dinheiro, Marx irá investigar primeiramente a forma de valor simples, individual ou ocasional.

### 3.1. a forma de valor simples

Marx começa a explicar a forma de valor simples, com uma situação de escambo comum. Iremos apresentar a macaxeira e a farinha, duas mercadorias diferentes, a macaxeira irá expressar seu valor na farinha e sua relação com ela será ativa, a da farinha passiva. O valor da macaxeira será relativo, podendo ser utilizada e manifestada de várias formas, como a própria farinha, ou como tapioca e etc. A farinha se encontrará na forma equivalente.

As formas de valor relativa e equivalente são inter-relacionáveis, um depende do outro, mas ao mesmo tempo são diferentes. Não podemos, por exemplo, trocar 30 macaxeiras por 30 macaxeiras. O valor da macaxeira só pode ser expressado através de outra mercadoria que não seja macaxeira. Diante disso, a forma do valor da macaxeira será relativa a qualquer outra mercadoria que se confronte no processo de troca. No caso da forma de valor equivalente, ela servirá apenas para expressar o valor da outra mercadoria, ou seja, no nosso exemplo, a farinha apenas irá expressar o valor da mandioca. Resumidamente, para realizar a troca, todo indivíduo possui algo com valor relativo e irá buscar algo com valor equivalente à sua mercadoria.

### 3.2. a forma de valor total ou desdobrada

40kg de macaxeira = 80 kg de farinha, ou = 15kg de feijão, ou = 20 kg de arroz, ou = 22 kg de macarrão, ou = 10 onças de ouro e etc.

O valor da macaxeira agora pode ser expresso de várias outras formas, assim como qualquer outra mercadoria. Cada uma dessas mercadorias pode ser utilizada como um espelho do valor da macaxeira. Dessa forma, o valor da macaxeira aparece como massa amorfa de trabalho humano indiferenciado, ou seja, seu valor irá representar o valor de qualquer outro produto, independentemente de sua forma natural.

Por intermédio de sua forma valor, a macaxeira se encontra em relação social não apenas com uma forma de mercadoria, mas com o mundo de mercadorias. Nesse sentido, o seu valor de uso será indiferente diante de sua atual função de expressar o valor de infinitos tipos de mercadorias.

Cada forma de mercadoria que será equivalente à macaxeira, será denominada de equivalente particular. Da mesma maneira, as várias formas de trabalho, determinados e úteis integrados nos vários tipos de corpos-mercadorias serão consideradas como formas de manifestação particular do trabalho humano.

No entanto, Marx apresenta insuficiências na forma de valor total ou desdobrada, o autor afirma que sua série de representações jamais se conclui. O motivo é apresentado de três maneiras:

A cadeia em que uma equiparação de valor se acrescenta a outra permanece sempre prolongável por meio de cada novo tipo de mercadoria que se apresenta, fornecendo,

assim, o material para uma nova expressão de valor. Em segundo lugar, ela forma um colorido mosaico de expressões de valor, desconexas e variadas. E, finalmente, se o valor relativo de cada mercadoria for devidamente expresso nessa forma desdobrada, a forma de valor relativa de cada mercadoria for devidamente expressa nessa forma desdobrada, a forma de valor relativa de cada mercadoria será uma série infinita de expressões de valor, diferente da forma de valor relativa de qualquer mercadoria. (MARX, 2017, p. 140).

Este mesmo problema aparece na categoria trabalho, uma vez que em cada equivalente particular, o trabalho determinado, concreto e útil é apenas particular. Mesmo que o trabalho seja uma forma completa de manifestação dessas formas particulares, ele não possui forma de manifestação unitária, tal como o dinheiro possui.

No entanto, a forma de valor relativa e desdobrada tem como constituição somente nas formas simples e relativas do valor, tal como 40kg de macaxeira = 80kg de farinha. Agora, se alguém troca sua macaxeira por vários tipos de mercadorias e outras pessoas também troquem suas mercadorias pela macaxeira e posteriormente utilize a macaxeira para conseguir outros tipos de mercadoria, ocorre que a macaxeira se torna o valor universal das mercadorias.

### **3.3. forma de um valor universal e a forma-dinheiro**

Agora, diferente da forma de valor total ou desdobrada, as mercadorias expressarão seus valores de modo simples e de modo unitário. A sua forma de valor será simples e comum a todas, portanto será universal. A macaxeira se afastará do seu primeiro valor de uso ou de seu corpo-mercadoria, expressando os valores das mercadorias como um todo.

A forma de equivalente universal pode-se apresentar em qualquer mercadoria que seja utilizada para esse fim, no entanto, quando uma mercadoria se encontra nessa qualidade, ela é excluída de todas as outras no que se refere à equivalência. No momento em que apenas um tipo de mercadoria se exclui nesse processo de valor universal, é atribuída a ela uma validade social universal. Ela se solidifica no campo dos valores unitários e ganha objetividade no campo das compras da sociedade de mercado.

É nesse momento que surge a mercadoria-dinheiro [geld-ware], quando esse tipo específico de mercadoria compõe socialmente a forma de equivalente geral, funcionando como dinheiro. Na história da humanidade, a mercadoria que ganhou esse lugar foi o ouro, nessa perspectiva, substituímos a macaxeira pelo ouro e obtemos: 50kg de farinha, 80 tapiocas, 10 cadeiras, 35kg de café = 1 onça de ouro.

Marx afirma que o progresso das formas de valor de troca consiste “agora, por meio do hábito social, a forma de permutabilidade direta e geral ou a forma de equivalente universal amalgamou-se definitivamente à forma natural específica da mercadoria ouro” (MARX, 2017, p. 145).

Para acompanharmos a trajetória do ouro como equivalente geral de valor das mercadorias, Marx nos conta que:

O ouro só se confronta com outras mercadorias como dinheiro porque já se confrontava com elas anteriormente, como mercadoria. Igual a todas as outras mercadorias, ele também funcionou como equivalente, seja como equivalente individual em atos isolados de troca, seja como equivalente particular ao lado de outros equivalentes-mercadorias [Warenäquivalenten]. Com o tempo, ele passou a funcionar, em círculos mais estreitos ou mais amplos, como equivalente universal. Tão logo conquistou o monopólio dessa posição na expressão de valor do mundo das mercadorias, ele tornou-se mercadoria-dinheiro, e é apenas a partir do momento em que ele já se tornou mercadoria-dinheiro que as formas I V e III passam a se diferenciar uma da outra, ou que a forma de valor universal se torna forma-dinheiro (MARX, 2017, p.145).

A dificuldade em mostrar a trajetória da forma-dinheiro se dá pelo entendimento conceitual da forma equivalente universal. A forma de valor-universal se decompõe de forma contrária à forma de valor total ou desdobrada, que por sua vez o seu elemento constituinte é a forma de valor de troca simples. Nesse sentido, é correto afirmar que a forma simples de escambo é o germe da forma-dinheiro.

#### **4. o feitiço da mercadoria e seu segredo**

A mercadoria nos aparece primeiramente como algo simples e óbvio, no entanto, sua análise revela um campo de características que estão para além da aparência. No campo dos valores de uso da mercadoria não há nada de tão misterioso, é evidente que o ser humano molda as matérias naturais conforme a necessidade do produto final. Podemos utilizar a madeira para fazer cadeiras, mesas, cabeceiras, camas e afins. O mesmo pode ser atribuído ao ferro ou qualquer outra materialidade da natureza. No momento em que a mesa se torna uma mercadoria é que surge o seu feitiço na mente dos seres humanos.

Marx nos dá a seguinte explicação:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores (MARX, 2017, p. 147).

A mercadoria possui características sensíveis e suprassensíveis, o olho humano detecta a luz empírica do objeto externo a ele, porém as qualidades subjetivas não se apresentam de imediato. A relação da forma-mercadoria com a humanidade não é uma relação com a natureza física ou com as relações materiais que envolvem a própria natureza. O segredo do feitiço da mercadoria está apenas nas relações sociais humanas, e essas relações se apresentam na

forma fantasmagórica. Resta-nos decifrar e mostrar as características que estão por trás dessas relações.

Para ilustrar melhor a relação fantasmagórica da mercadoria com os indivíduos, Marx nos afirma que

Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (MARX, 2017, p.147-48).

Como na religião, os produtos da atividade humana não são apresentados como produtos da atividade humana, e os produtos da imaginação possuem, de forma mística, com vida própria. E esses produtos da imaginação se relacionam com eles mesmos e com os seres humanos.

Como foi dito, a característica do feitiço das mercadorias surge a partir do caráter social do trabalho que produz as mercadorias. Todos os trabalhos privados e suas produções constituem todo o trabalho social e as características sociais dos trabalhos só aparecem quando é realizado a troca das mercadorias. Sendo assim, é através apenas da relação social entre os produtores que o trabalho se torna efetivamente social.

Marx nos dá uma interessante reflexão, no processo de troca de uma mercadoria o que está em xeque não é apenas uma troca de materiais de trabalho humano, e sim, a comparação entre tipos de produtos e, portanto, estão comparando também seus diferentes tipos de trabalhos úteis.

O que interessa aos indivíduos que estão realizando a troca, é quantos produtos eles podem obter em troca de seu próprio produto. As proporções desses produtos irão adquirir uma certa solidez nos hábitos das trocas, ou seja, "o caráter de valor dos produtos do trabalho se fixa apenas por meio de sua atuação como grandeza de valor" (MARX, 2017, p. 150).

Pelo menos na aparência das trocas, e na aquisição que pode fruir depois das trocas, o indivíduo não consegue perceber o que está para além dessas aparências. A motivação, o desejo, o bem-estar, o consumo e a posse, são algumas características que o processo de aquisição de tipos de mercadoria pode fazer valer para os seres humanos que pertencem a sociedade capitalista.

As formas que rotulam os produtos do trabalho como mercadorias, e, portanto, são pressupostas à circulação das mercadorias, já possuem a solidez de formas naturais da vida social antes que os homens procurem esclarecer-se não sobre o caráter histórico dessas formas – que eles, antes, já consideram imutáveis –, mas sobre seu conteúdo. Assim, somente a análise dos preços das mercadorias conduziu à determinação da grandeza do valor, e somente a expressão monetária comum das mercadorias conduziu à fixação de seu caráter de valor (MARX, 2017, p.150).

O feitiço da mercadoria não atua apenas nessas manifestações, o não entendimento de como as relações humanas individuais e as relações sociais como um todo estão interligadas nessa composição. A forma de como a sociedade se organiza para a produção de suas riquezas, de seus produtos, de seus trabalhos, determinam em algumas escalas o processo de alienação e estranhamento que pode transcender através dessas relações.

A forma-dinheiro do mundo *capitalista* ofusca o caráter social dos trabalhos privados, ao afirmar por exemplo que a macaxeira, ou o feijão, tem uma relação como outra mercadoria como forma de trabalho humano abstrato, o não entendimento dessa expressão é determinante. No entanto, quando utilizamos qualquer equivalente geral, como o dinheiro, entendemos rapidamente o que se trata.

Na sociedade que Marx estava, até os nossos dias, a alienação por trás do processo de produção *capitalista* faz com que os seres humanos não entendam como essa sociedade funciona, e ao grau que a sociedade burguesa se aperfeiçoa, os tipos de alienação e reprodução ideológica também. Dentro desse processo de alienação, os produtos do trabalho comercializados ganham uma estranha vida própria, dominam a humanidade, e por fim, ditam o seu funcionamento. Mesmo que aparente funcionar de forma alheia aos seres humanos, o produto do trabalho, os meios de trabalho, o funcionamento da sociedade capitalista como um todo, funcionam através das ações humanas. As leis do mercado, as leis do Estado, as leis da Igreja, a história, todas são criações humanas, todos dependem das ações dos seres humanos.

## 5. considerações finais

O capítulo referente a mercadoria, é o capítulo com a qual Marx, expõe as peculiaridades por trás da mercadoria, ao partir de algo cotidiano e fundamental para a existência do ser humano, os produtos do trabalho humano, que servirão para a investigação da chave elementar das desigualdades sociais do *capital*, a categoria mais-valor. Passar por essa investigação é trivial para nos ajudar entender que o *capitalismo* não é uma sociedade de interações e trocas livres e iguais. Que a acumulação de riquezas não é necessariamente a acumulação do seu trabalho, do seu esforço, de sua vontade. A acumulação, o lucro, o mais-valor contido na produção, é simplesmente exploração.

Marx finaliza o capítulo referente ao fetichismo da mercadoria, com uma reflexão pertinente. Após realizar o estudo por trás das relações sociais contidas na mercadoria, a origem da forma-dinheiro e o segredo ofuscado da sociedade de mercados, além da antítese da crítica da economia política, Marx nos mostra como uma sociedade livre deveria ser:

Por fim, imaginemos uma associação de homens livres, que trabalham com meios de produção coletivos e que conscientemente despendem suas forças de trabalho individuais como uma única força social de trabalho. Todas as determinações do

trabalho de Robinson reaparecem aqui, mas agora social, e não individualmente. Todos os produtos de Robinson eram seus produtos pessoais exclusivos e, por isso, imediatamente objetos de uso para ele. O produto total da associação é um produto social, e parte desse produto serve, por sua vez, como meio de produção. Ela permanece social, mas outra parte é consumida como meios de subsistência pelos membros da associação, o que faz com que tenha de ser distribuída entre eles. O modo dessa distribuição será diferente de acordo com o tipo peculiar do próprio organismo social de produção e o correspondente grau histórico de desenvolvimento dos produtores (...). Sua distribuição socialmente planejada regula a correta proporção das diversas funções de trabalho de acordo com as diferentes necessidades. Por outro lado, o tempo de trabalho serve simultaneamente de medida da cota individual dos produtores no trabalho comum e, desse modo, também na parte a ser individualmente consumida do produto coletivo. As relações sociais dos homens com seus trabalhos e seus produtos de trabalho permanecem aqui transparentemente simples, tanto na produção quanto na distribuição (MARX, 2017, p. 153).

Essa sociedade livre, comunismo, não é uma categoria abstrata, ou idealista, é o movimento de libertação do proletariado e, portanto, ele não está dado ou feito, ou sequer seria uma receita de bolo para os problemas da sociedade moderna. O comunismo é o horizonte e o movimento dialético que supera o estado de coisas atual, que supera a exploração e que juntos construiremos a nossa emancipação humana.

## referências

HARVEY, David. **Para entender o capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2017.